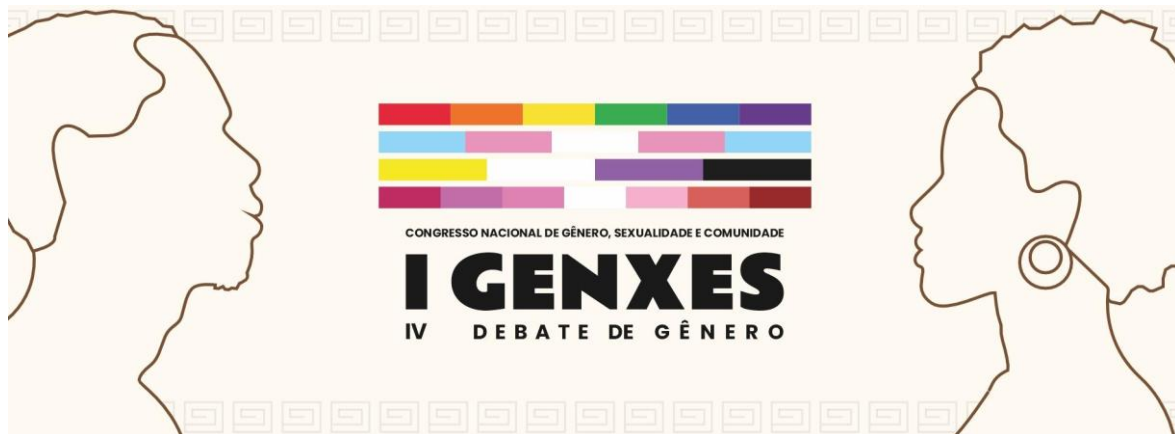




A SEXUALIZAÇÃO DAS MENINAS COMO EXPRESSÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Eixo Comunitário:

Nome do(a) autor(a) principal: Ana Júlia Gonçalves Siqueira¹

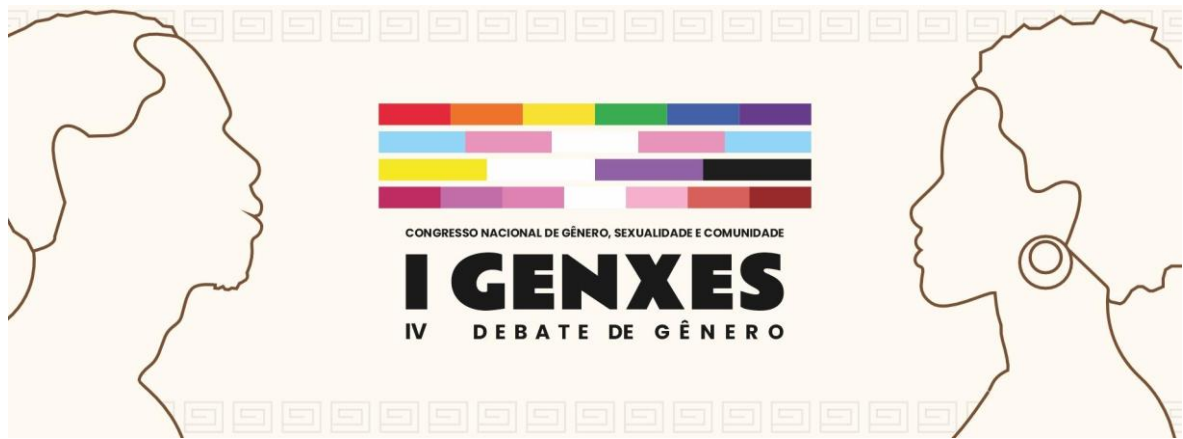
Orientador(a): Cimara Bandeira de Sousa Caldas²

RESUMO: A violência de gênero é um problema estrutural, social e cultural que se manifesta de forma significativa no ambiente escolar. O presente trabalho investiga a sexualização das meninas como forma de violência dentro desse espaço e o papel da escola na prevenção e no enfrentamento dessa violência, analisando autores referência sobre o tema e políticas institucionais como a Lei nº 14.164/2021 e o PL 10.583/2018, que dispõem sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate à erotização infantil (sexualização precoce) nas escolas públicas do Brasil. O estudo adota uma metodologia de análise documental, entrelaçando pesquisa bibliográfica com a análise de artigos e obras de autores(as) que exploram as múltiplas ramificações da temática em questão. O presente trabalho visa investigar como a violência de gênero nas escolas afeta o desempenho escolar das meninas, manifestada de maneiras sutis e explícitas no contexto escolar, desde a separação de gênero em atividades até nos uniformes escolares que reafirmam a objetificação das meninas no cenário escolar. Colocando a escola como meio ativo para promover a prevenção e enfrentamento dessa questão, além de contribuir para o debate ativo no meio acadêmico em vista da baixa quantidade de trabalhos a respeito do tema.

Palavras-chave: violência de gênero; sexualização; escola.

¹Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Email: anajulia.goncalves@urca.br

² Professora Temporária na Universidade Regional do Cariri (URCA); Psicanalista; Doutoranda em Psicologia (UNIFOR); Membro do Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividades (LAEpCUS/UNIFOR). E-mail: cimara.bandeira@urca.br



INTRODUÇÃO

Ao buscar compreender a sexualização precoce das meninas como manifestação da violência de gênero, é necessário percorrer diferentes conceitos e abordagens sobre o fenômeno da violência em suas diversas formas na sociedade, desde sua etimologia até análises discursivas. Inácio (2003) remete a origem em latim do termo *violentia*, a sentidos negativos como dano, profanação, ofensa e maltrato. Ainda sobre a etimologia da palavra violência, que procede do latim *vis*, a palavra também se refere a força, vigor e potência. (Osterne, p.23)

Assim, observa-se que o conceito de violência, dentro do senso comum, se divide em diversas ramificações para caracterizar suas diversas formas de expressão, como violência política, de gênero, cultural, sexual, física e racial, caracterizando-se de maneira popular e literal, por ações diretas e indiretas que geram constrangimentos físicos ou morais.

Quando especificamos a violência de gênero e as formas como se manifesta dentro das sociedades, Osterne (2012, p.18) cita “[...] é universal, transversal e não se prende à condição de classe, idade ou raça/etnia, embora em sua diferenciação possa ser remetido a cada uma ou a todas essas condições”, dessa forma, torna-se perceptível que a violência atinge de maneira direta e indireta todo o campo social, institucional e cultural, dentro de vários contextos que cercam as questões de classe, idade e raça/etnia. A violência de gênero é um fenômeno - além de estrutural - histórico, cultural e político, visto que se articula de diversas maneiras para continuar se perpetuando no meio social de forma naturalizada.

Trazendo esses conceitos e percepções para explorar as diferentes maneiras como a violência de gênero se manifesta, destacamos a sexualização precoce das meninas, principalmente dentro do ambiente escolar. Autoras como Beauvoir (1949) e Wolf (1991) exploram como a sexualização feminina vai além do campo estrutural e cultural, destacando também como essa sexualização funciona como mecanismo de controle social, um reflexo patriarcal onde a mulher é definida a partir do homem e de como essa sexualização precoce afeta no desempenho escolar, social e pessoal das vítimas dessa violência.

Nessa perspectiva, o presente trabalho visa investigar como a violência de gênero nas escolas afeta o desempenho escolar das meninas, manifestada de maneiras sutis e explícitas no



contexto escolar, desde a separação de gênero em atividades até nos uniformes escolares que reafirmam a objetificação das meninas no cenário escolar. Desta forma a escola deve agir na prevenção e enfrentamento dessa questão, além de contribuir para o debate ativo no meio acadêmico em vista da baixa quantidade de trabalhos a respeito do tema.

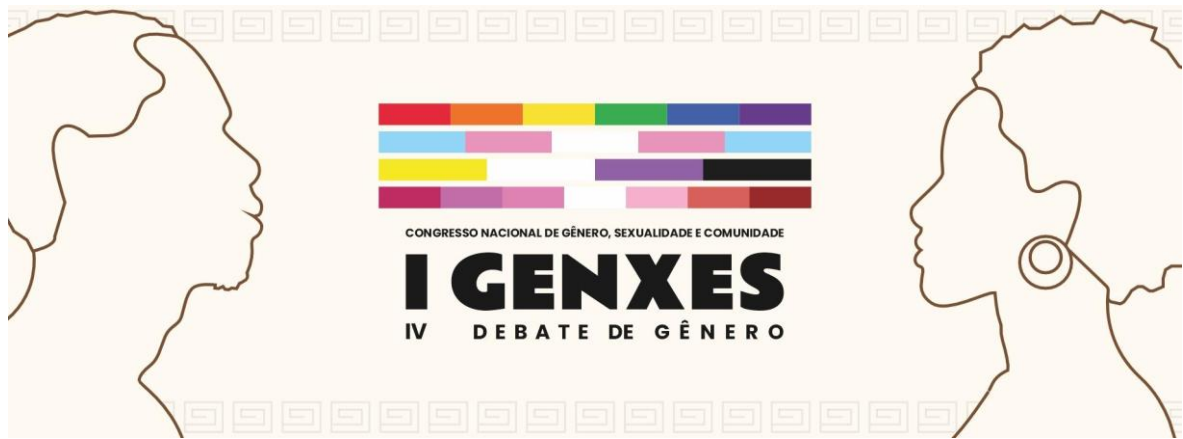
METODOLOGIA

A investigação foi conduzida por meio de revisão bibliográfica de artigos científicos sobre a temática, bem como da leitura de autoras e autores reconhecidos como referências no campo, a exemplo de Butler (1990), cuja concepção de gênero como performance inaugura novos horizontes de reflexão; Saffioti (2004), que aborda a problemática sob uma perspectiva política, estrutural e social; e Osterne (2012), que analisa como a violência atravessa distintas minorias sociais. Cabe destacar que esta pesquisa, que deu origem ao presente resumo, está intrinsecamente vinculada a um estudo mais amplo e aprofundado, intitulado “Violência de Gênero e Educação: A escola como espaço interventivo”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A violência de gênero manifesta-se de maneira sutil e multifacetada no ambiente escolar, assumindo formas que, não raro, passam despercebidas ou são confundidas com práticas cotidianas naturalizadas. É comum, por exemplo, que determinadas escolas adotem uniformes distintos para meninos e meninas, sendo que, no caso das alunas, esses trajes frequentemente incluem saias ou shorts curtos, blusas justas e elementos ornamentais voltados à estética e ao embelezamento.

Nesse contexto, Beauvoir (1947) já denunciava a objetificação do corpo feminino desde a infância, operada por um olhar reificado que atravessa instituições como a escola, a religião, a ciência e o senso comum, legitimando uma visão masculina sobre o feminino. Assim, o corpo da menina é sexualizado precocemente, enquanto o espaço escolar revela-se, muitas vezes, cego ou omissivo diante dessas dinâmicas.



Outro ponto a ser observado é a diferença entre o incentivo nas práticas escolares baseado na divisão de gênero, onde os meninos são mais incentivados a praticar esportes e buscar um conhecimento mais objetivo, enquanto as meninas são condicionadas a buscar práticas mais artesanais e teóricas. Para além desses aspectos mais visíveis, existem também os aspectos já normalizados, muitos dos quais acabam por se tornar uma espécie de norma social. A exemplo disso a crença popular que meninos são menos organizados que meninas com seu material escolar e de que as meninas têm mais habilidades socioemocionais evidenciam o condicionamento feminino a propósitos muito específicos ao papel social de submissão.

Sabemos então que a violência de gênero se manifesta de formas amplas, sutis e, muitas vezes, normalizadas, tornando necessário enxergar como elas afetam as meninas que passam por situações assim. Destacamos aqui que, por nem sempre se tratar de violências físicas e explícitas, as consequências também adquirem aspectos múltiplos nos variados contextos: afetivo, sócio emocional, acadêmico e pessoal.

Seguindo por essa perspectiva, podemos perceber como essas violências geram desconforto, insegurança física e intelectual nas meninas. Ao se verem na obrigação de obedecer aos papéis de gênero impostos dentro das instituições escolares, os sentidos de identidade própria podem acabar conflitados com esses parâmetros normativos e com os traumas gerados pelos assédios físicos e verbais, que também ocorrem paralelamente.

Diante de um ambiente que torna a experiência acadêmica insegura, disruptiva e hostil, muitas meninas optam pelo abandono dos estudos por verem nele a única solução para as violências que vivem. Segundo o Ministério da Educação, em 2020, no ensino fundamental, 2,2% das mulheres repetiram o ano e 2,0% evadiram. Já no ensino médio, 3,5% das mulheres repetiram o ano e 4,5% evadiram.

CONCLUSÃO

Entre os principais danos causados pela violência de gênero no ambiente escolar, em decorrência da sexualização precoce das meninas, pode-se destacar a evasão escolar como o estágio final de como essa violência opera. É necessário enxergar que essas micro-violências, quase sempre cotidianas, que levam à evasão escolar não ocorrem de forma linear e que são



frequentemente imperceptíveis, ou ignoradas, por se tratar de um problema estrutural, institucional e social. Com intuito de abrir espaço para o debate ativo dentro cenário escolar, recomenda-se mais discussões dirigidas, estudo na área e tornar o as instituições escolares em espaço interventivo para lidar com essas violências.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1967].
- BRASIL. **Lei nº 14.164**, de 10 de junho de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo da educação básica a temática do combate à violência contra a mulher. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jun. 2021.
- BRASIL. **Projeto de Lei nº 10.583**, de 2018. Dispõe sobre a promoção da igualdade de gênero nas escolas. Câmara dos Deputados, Brasília, DF, 2018.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- INÁCIO, Sheila. **Feminismo e educação: uma análise histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Diretrizes para a educação em direitos humanos**. Brasília, DF: MEC, 2024.
- OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Violência nas relações de gênero e cidadania feminina**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- SAFIOTTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.